

# Variações de Ferenczi sobre a pulsão de morte

**Este artigo** é o resultado de um trabalho conjunto de pesquisa, discussão e escrita, e tem um percurso que cabe mencionar. O texto foi apresentado por Eugênio Canesin Dal Molin no 1 Encontro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, realizado em São Paulo nos dias 7 e 8 de junho de 2019; no mesmo ano, as seções “As bases de um conceito” e “A primeira variação” foram publicadas junto de uma apreciação crítica dessas ideias iniciais na revista *Estilos da Clínica*, e, no ano seguinte, no livro *Ferenczi: inquietações clínico-políticas*. O texto original da fala, entretanto, com a apresentação abrangente das ideias de Ferenczi sobre a pulsão de morte (que abarca o período entre 1913 e 1932) seguiu para revistas internacionais e permanecia inédito até 2023, quando saiu em inglês no *American Journal of Psychoanalysis*. Este texto corresponde à fala de 2019 e à versão publicada pela revista americana.

**Resumo** Este artigo teórico discute três variações da pulsão de morte, desenvolvidas por Sándor Ferenczi. Apresentamos uma breve história do uso do termo pulsão de morte entre os primeiros psicanalistas e argumentamos que, já em 1913, a noção é usada por Ferenczi e serve como pano de fundo conceitual para o seu pensamento. Durante a década de 1920, Ferenczi revisita parte desse conceito, centrando-se no que ele identifica como um primado da autodestruição. A pulsão destrutiva ganha um caráter adaptativo responsável pela mortificação de partes do indivíduo, em troca da sobrevivência do todo. Nessa variação, a tendência para a regressão surge também como a pulsão de autodestruição, e a aceitação do desprazer envolve uma “máquina de calcular” psíquica. Na última variação, deixada inacabada, a pulsão de morte recebe por vezes novos nomes, como pulsão de “conciliação”, e outras, a própria ideia de pulsão de morte é criticada.

**Palavras-chave** Sándor Ferenczi; pulsão de morte; destrutividade; metapsicologia; história da psicanálise.

**Eugênio Canesin Dal Molin** é psicanalista e membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É membro do Conselho Editorial da *Percurso* e dos grupos de trabalho Comunidade de Destino e Discussões Clínicas. Mestre e doutor no IPUSP. É membro fundador do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e professor de curso Teoria Psicanalítica (COGAE/PUC-SP).

**Nelson Ernesto Coelho Junior** é psicanalista. Professor e pesquisador do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista, membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde é interlocutora do Grupo Winnicott – Estudos e Pesquisa, e membro do grupo de estudos Comunidade de Destino – Ferenczi e Freud. Doutora e ▶

Eugênio Canesin Dal Molin  
Nelson Ernesto Coelho Junior  
Renata Udler Cromberg

Quem quiser acompanhar as desventuras de um conceito na obra de um autor pode adotar diferentes estratégias. Uma delas é selecionar e depois discutir alguns textos-chave, em especial aqueles em que o autor se põe a aplicar expressamente o conceito, a exemplificá-lo e a apontar suas articulações com outros conceitos. O problema dessa seleção, embora possível e útil, é que o desenvolvimento das ideias raramente é linear, claro e desprovido de mutações. Não é raro que um termo seja utilizado de determinada maneira, depois de outra, que só mais tarde ganhe a força e o status de um conceito, que receba críticas, que mude de aparência – o termo e o conceito – terminando por circunscrever, expandir ou mesmo inverter as formas que adquirira anteriormente. Também ocorre de um conceito ser construído a partir de elementos que já estavam presentes no campo em que se insere, com outros ou os mesmos nomes; ou seja, que ele mesmo constitua uma reorganização mais ou menos extensa da trama teórica que o antecede.

Esses dois caminhos – o da variação histórica atravessada por um conceito, e o de seu espessamento teórico a partir da maior articulação entre os elementos que o compõem – foram percorridos pela noção de pulsão de morte. O uso do termo “pulsão de morte” (*Todestrieb*) e sua aplicação conceitual antecedem o criativo esforço freudiano de apresentação e discussão empreendido a partir de 1919 e 1920, quando *Além do princípio do prazer*<sup>1</sup> foi posto no papel e publicado. De forma paralela, alguns dos aspectos elaborados (ou reelaborados) por Freud ao pensar sobre a pulsão de morte, como a compulsão à repetição, o papel da agressividade e da destrutividade, a fusão e a defusão pulsional, a ligação e o desligamento, a ideia

<sup>1</sup> Nas próximas menções a esse texto em nota de rodapé, usaremos “Além do...”.



a ideia de uma pulsão  
de destruição, sob a pena  
de Spielrein, desenvolvia elementos  
encontrados posteriormente  
na conceituação freudiana  
da pulsão de morte.

de uma tendência que busca o zero tensional e impele a ele, e a reavaliação da anterioridade da passividade em relação à atividade, podem ser identificados tanto na obra freudiana anterior a 1920, como em escritos de alguns dos primeiros psicanalistas que estavam em seu entorno.

Neste artigo, procuramos expor e discutir três das variações feitas por Ferenczi, entre 1913 e 1932, sobre o tema da *Todestrieb*. Em música, chama-se de variação a “apresentação de um mesmo trecho melódico com modificações estruturais que o tornam, aparentemente, novo”<sup>2</sup>. Embora intimamente relacionadas e fiéis ao quadro teórico desenvolvido pelo autor, as variações exibem níveis diferentes de complexidade e articulam, com maior ou menor sucesso, as ideias que orbitam ao redor da noção de pulsão de morte. Como não é nosso objetivo realizar uma leitura crítica do percurso histórico do conceito pulsão de morte entre os primeiros psicanalistas, restringimo-nos a sumarizar, por meio de alguns poucos apontamentos não exaustivos, o que o campo psicanalítico havia produzido em relação ao conceito antes de Ferenczi utilizar o termo pela primeira vez.

► pós-doutora pelo IPUSP. Professora convidada do curso de Teoria Psicanalítica do COGAE/PUC-SP. É graduada em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi e da Associação Internacional de Estudos sobre Spielrein. Autora dos livros *Paranoia, cena incestuosa – abuso e violência sexual* (Artesã) e *Sabina Spielrein, uma pioneira da psicanálise*, obras completas, v. 1 e v. 2 (2. ed., Blucher, 2021).

## As bases de um conceito

Na segunda metade da década de 1900, durante as reuniões das quartas-feiras, Adler defendia continuamente a existência de uma pulsão de agressão autônoma<sup>3</sup>. A ideia recebeu a crítica de Freud de modo restrito, durante as sessões de discussão, e abertamente, no caso do Pequeno Hans<sup>4</sup>. Na mesma frente, no dia 24 de abril de 1907, tanto o termo como a ideia de pulsão de morte – como *Todestrieb* e como *Tánatos*, em posição conflituosa, mas complementar à pulsão de vida, e a Eros – foram utilizados por Wilhelm Stekel<sup>5</sup>.

Também numa quarta-feira, dia 29 de novembro de 1911, Sabina Spielrein apresentou à Sociedade Psicanalítica de Viena o trabalho “A destruição como origem do devir”, publicado em forma de artigo no ano seguinte, no *Jahrbuch*. No texto, a autora utilizou o termo “instinto (*Instinkt*) de morte” uma vez, e argumentou, em síntese, que “a morte é necessária para a criação da vida [...] O que impulsiona a transformação e a construção (criação), diz ela, é a pulsão de destruição”<sup>6</sup>. A ideia de uma pulsão de destruição, sob a pena de Spielrein, desenvolvia elementos encontrados posteriormente na conceituação freudiana da pulsão de morte; entre eles o papel central, biológica e psiquicamente, da destrutividade nos processos mentais. Nesse mesmo correr de anos, 1911-1912, Stekel discutia sonhos que procuram simbolizar a morte e afirmava que, onde esta se revela, também se manifesta a pulsão de vida<sup>7</sup>. A ideia volta a aparecer por suas mãos, em 1912, ao escrever sobre “A psicologia da dúvida”<sup>8</sup>, com o uso do termo *Todestrieb* para designar aquilo que entraria em conflito com a pulsão de vida<sup>9</sup>. Não longe desses assuntos, ainda no ano de 1912, em uma reunião na casa de Freud em que Lou Andreas-Salomé esteve presente, Ferenczi argumentara em favor da ideia de uma *Todestendenz*, “tendência de morte”, à qual Freud mostrou-se contrário<sup>10</sup>. Pouco mais de um mês após essa reunião, em 28 de outubro de 1912, Ferenczi enviou a Freud uma carta na qual fala sobre a ideia de escrever um texto a respeito dos “estágios de desenvolvimento do ‘órgão da realidade’

(falta de necessidade = onipotência), magia dos gestos, magia das palavras, senso de realidade”<sup>11</sup>

O conceito de pulsão de morte não era uma panaceia buscada por todos os psicanalistas à época, mas, ao fim de 1912, alguns dos mais atentos já estavam familiarizados com a expressão e com algumas noções que se lhe tornariam próximas. A partir daqui, acompanharemos três variações de Ferenczi sobre o tema.

A primeira variação:  
quietude desprovida de desejos.

Após a publicação de *Além do princípio do prazer*<sup>12</sup>, Ferenczi fez ao menos duas referências às

na carta a Groddeck de 1921,  
Ferenczi sintetiza a teoria  
que serviu de mote para  
a escrita de *Thalassa*,  
lembra-se de como teria  
exposto seus germes  
para alguns colegas.

suas próprias ideias sobre o tema da pulsão de morte anteriores à conceituação freudiana.

A primeira dessas referências é de caráter privado e encontra-se em uma carta endereçada a Groddeck no natal de 1921<sup>13</sup>. Em meio a uma ampla variedade de confidências, ele conta que esteve aquartelado na cidade de Papa por oito meses durante a Primeira Guerra, entre 1915 e 1916. À época, sentia-se inibido quanto ao trabalho intelectual, embora julgasse ter uma “valiosa teoria”<sup>14</sup> em mãos. A teoria era a de que “o desenvolvimento genital evoluiu como uma reação da parte dos animais à ameaça de desidratação enquanto adaptavam-se à vida na terra”<sup>15</sup>. Ainda que a elaboração da teoria fosse uma constante durante esses anos, Ferenczi relata que não conseguia colocá-la no papel, mas que era capaz de descrevê-la a Freud, Rank, Abraham e Jones. Mesmo antes do período em Papa, prossegue na carta, “desenvolvi minhas visões filosóficas na frente de Lou Salomé, que mais ou menos correspondem àquelas de ‘Além’ [do princípio do prazer], embora tenham acabado de um jeito diferente”<sup>16</sup>. Na carta a Groddeck de 1921, como vemos, Ferenczi sintetiza a teoria que serviu de mote para a escrita de *Thalassa*<sup>17</sup>, lembra-se de como teria exposto seus germes para alguns colegas, especialmente para Lou Andreas-Salomé, em Munique, e relaciona suas ideias de antes e durante a Primeira Guerra com as que Freud apresenta em *Além do princípio do prazer*.

- 2 A. Houaiss e M. S. Villar, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*, p. 1923.
- 3 De maneira específica na sessão de 3 junho de 1908, que dará origem ao artigo “Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose”, *Fortschritte der Medizin*, n. 26. A ata da sessão pode ser lida em H. Nunberg; E. Federn, E. (eds.), *Les premiers psychanalystes: Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne*, v. 1. Para uma leitura crítica das atas, que menciona a discussão dessa ideia, consultar J. Bos, “Rereading the Minutes”, *Annual of Psychoanalysis*, v. 24, p. 229-255.
- 4 S. Freud, “Análise da fobia de um garoto de cinco anos: O pequeno Hans”, in *Obras completas*, v. 8.
- 5 Para a ata, conferir H. Nunberg; E. Federn, *op. cit.*, p. 195-196. Para uma apresentação do uso que Stekel faz dessas ideias no contexto de sua obra, conferir o livro de J. Bos e L. Groenendijk, *The self-marginalization of Wilhelm Stekel: Freudian circles inside and out* e o de F. Clark-Lowes, *Freud’s Apostle: Wilhelm Stekel and the early history of Psychoanalysis*.
- 6 R.U. Cromberg (org.), *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise*, p. 225.
- 7 W. Stekel, *Die Sprache des Traumes*. Para a reação de Spielrein ao texto do colega, cf. Cromberg, *op. cit.*, p. 283-284.
- 8 W. Stekel, “Der Zweifel”, *Zeitschrift für Psychotherapie*, v. 4, n. 6.
- 9 Remetemos novamente o leitor ao ótimo artigo de J. Bos, “Rereading the Minutes”, *Annual of Psychoanalysis*, v. 24.
- 10 Conferir J.J. Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*.
- 11 E. Brabant; E. Falzeder; P. Giampieri-Deutsch (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume I, 1908-1914*, p. 420.
- 12 S. Freud, *Além do...*
- 13 Nossa atenção a essa referência deve-se à preciosa leitura do contexto, do conteúdo e da intertextualidade de *Além do princípio do prazer*, de Freud, e de *Thalassa*, de S. Ferenczi, realizada por Luis Cláudio Figueiredo em *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*.
- 14 C. Fortune (ed.), *The Sándor Ferenczi – Georg Groddeck Correspondence, 1921-1933*, p. 10.
- 15 C. Fortune (ed.), *op. cit.*, p. 10.
- 16 C. Fortune, *op. cit.*, p. 10.
- 17 S. Ferenczi, “Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade”, in: *Psicanálise III*.





no artigo

“Estágios do desenvolvimento do sentido de realidade”,  
Ferenczi não recorre à expressão *Todestrieb*, mas retoma o estofo do argumento.

A segunda referência é feita publicamente no ano de 1926, e está no artigo “Para o 70º aniversário de Freud”. Nela encontramos Ferenczi olhando para trás, para aquilo que já havia pensado sobre a pulsão de morte, e para frente, em meio à elaboração do que consideramos ser sua segunda variação sobre o tema:

preconizei um dia, já lá vão muitos anos, que a pulsão de morte talvez pudesse explicar tudo. A minha confiança em Freud fez-me inclinar diante de seu julgamento negativo – até o dia em que foi publicado *Além do princípio do prazer*, obra na qual sua teoria do jogo recíproco da pulsão de vida com a pulsão de morte explica certamente melhor a diversidade dos fatos psicológicos e biológicos do que a minha concepção unilateral o fizera na época.<sup>18</sup>

Lemos sobre “Visões filosóficas” que correspondem – e, conseqüentemente, em alguma medida, poderiam ter antecipado – àquelas expostas em *Além...*; e lemos sobre uma teoria em que “a pulsão de morte talvez pudesse explicar tudo”. A que Ferenczi está se referindo, especificamente?

Vimos que ele se reunira com Freud e Lou Salomé em 1912, e que Freud mostrara-se contrário à ideia de uma “tendência de morte”. A crítica, entretanto, não fez com que a ideia fosse sumariamente descartada.

Em 25 de setembro de 1913, menos de um ano depois dessa reunião, Ferenczi sentou-se à escrivaninha e escreveu a Jones, que terminara há

pouco mais de um mês sua análise com o húngaro: “Já tenho, há muito tempo, sentido falta de notícias suas, e, portanto, gostaria de abordá-lo como um (em primeiro lugar, é claro, gerando interesse) agente de fermentação, *perturbar sua paz* (*instinto de morte*), e forçá-lo a dividir comigo mais uma vez alguns dos eventos pessoais e outros, que dizem respeito a nossos interesses mútuos”<sup>19</sup>. Os editores da correspondência Ferenczi-Jones fizeram a gentileza de apresentar um fac-símile da primeira página da carta. Lê-se o termo claramente, *Todestrieb*, entre parênteses, relacionado à ideia da paz que pode ser perturbada. Em meio a outras notícias, Ferenczi contou sobre o dia e meio a mais em Munique, e acrescentou que Lou o forçara a “desenvolver – isto é, a colocar no papel as ideias sobre a pulsão de morte. Esse parece ser o trabalho dela”<sup>20</sup>. A própria Lou Andreas-Salomé escreveu mais tarde sobre o interesse na pulsão de morte pensada por Ferenczi como “procedendo da condição original do bebê no útero como a condição prazerosa de paz despida de desejos”<sup>21</sup>. Embora o uso do termo nesses contextos pareçamos um pouco solto, não podemos deixar de ver nele uma primeira variação do autor sobre o tema da pulsão de morte. Mas o que estaria implicado nesse primeiro arranjo “melódico”?

No artigo “Estágios do desenvolvimento do sentido de realidade”, Ferenczi não recorre à expressão *Todestrieb*, mas retoma o estofo do argumento. Ele procura organizar um crescente de estágios que vai do funcionamento exclusivo do princípio do prazer a outros com maior preminência do princípio de realidade. A passagem de um estágio a outro envolve uma maior consideração pelo mundo externo – por suas características, suas imposições, respostas e variações – e, conseqüentemente, uma seqüência de golpes na onipotência, que se vê confrontada, cada vez mais ao longo do desenvolvimento, com um meio menos afeito à concordância com os desejos individuais. Em suas palavras, o senso de realidade desenvolve-se devido a “uma série de sucessivos impulsos de recalçamento [...] pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por



‘tendências para a evolução’ espontâneas”<sup>22</sup>. Trata-se de um desenvolvimento da postulação de Freud, exposta em “Dois princípios do funcionamento psíquico”, a respeito de um estado em que o bebê, sob os cuidados da mãe, seria capaz de entregar-se inteiramente ao princípio do prazer e ignorar o mundo externo.

A hipótese de Ferenczi regride temporalmente o ponto inicial de observação ao considerar a existência pré-natal, e retira de cena, ao menos em seu momento inaugural, tanto as necessidades internas como as ações específicas que, mais tarde, poderiam satisfazê-las. Ficamos frente ao que Freud chamara de “estado de repouso” em sua forma mais primitiva, e ao que se poderia supor como sendo suas características: o feto no útero não teria a necessidade de agir, seja sobre o que lhe é interno, seja sobre o ainda indiferenciado “externo”, porque não lhe caberia alterar nada em si ou no ambiente, por meio de qualquer ação para sua própria manutenção. O resultado dessa conjectura é uma versão sobre o princípio da vida psíquica na qual impera a sensação de onipotência. Ferenczi chama a esse estado de “Período da onipotência incondicional”<sup>23</sup>. Como a continuidade da própria vida, nessa leitura, não está propriamente a cargo do feto, mas da gestante, a definição de onipotência proposta pelo autor não é a da sensação ou crença de que os desejos e pensamentos ganham forma no mundo externo, mas a de um estado em que se tem “a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar. É o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o

»»

*Ferenczi faz questão de destacar, em nota, que dificuldades e acidentes na gestação podem demandar do feto a necessidade de agir, de “efetuar um trabalho”.*

que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões, portanto, nada tem a desejar, é desprovido de necessidades”<sup>24</sup>. A ausência de necessidades e desejos não indica, necessariamente, uma tendência de redução tensional completa, a um  $Q=0$ , em termos freudianos, mas ao princípio de constância. A questão fica mais interessante.

O idílio intrauterino não seria sempre total, e nem duraria eternamente. Ferenczi faz questão de destacar, em nota, que dificuldades e acidentes na gestação podem demandar do feto a necessidade de agir, de “efetuar um trabalho”<sup>25</sup>, o que daria fim, ainda antes do nascimento, ao período da onipotência incondicional. Via de regra, porém, é o nascimento que desperta, em sua leitura à época, a necessidade desprazerosa de ação e o primeiro afeto de angústia. Quando observamos o recém-nascido, acrescenta, “temos a impressão de que ele [o bebê] não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos que desfrutava no seio materno, e até mesmo deseja, com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação”<sup>26</sup>. O meio que recebe o recém-nascido – as pessoas encarregadas de seu cuidado – procura instintivamente reestabelecer condições próximas àquelas experimentadas no útero materno: protege-o contra estímulos externos de toda ordem e procura mantê-lo satisfeito. Essa mesma linha de pensamento seria retomada noutros momentos, em especial no artigo “A adaptação da família à criança”<sup>27</sup>. Mesmo com todos

18 S. Ferenczi, “Para o 70º aniversário de Freud”, in: *Psicanálise III*, p. 425-426.

19 F. Eros; J. Szekacs-Weisz; K. Robinson (eds.), *Sándor Ferenczi – Ernest Jones. Letters 1911-1933*, p. 17, grifos nossos.

20 F. Eros; J. Szekacs-Weisz; K. Robinson (eds.), *op. cit.*, p. 18.

21 L. Andreas-Salomé citada por F. Eros, J. Szekacs-Weisz e K. Robinson (eds.), *op. cit.*, p. 21n12.

22 S. Ferenczi, “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”, in: *Psicanálise II*, p. 59.

23 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49.

24 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 48-49.

25 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49n8.

26 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 49.

27 S. Ferenczi, “A adaptação da família à criança”, in: *Psicanálise IV*.



em *Thalassa*, livro  
cuja gestação começara,  
à época da carta a Jones, o coito,  
o sono e a morte são descritos  
enquanto modos de “satisfação  
da pulsão de retorno ao corpo  
materno e ao oceano, ancestral  
de todas as mães”.

esses esforços, o bebê encontra-se numa nova situação depois da “perturbação desagradável que subitamente ocorreu, em virtude do nascimento, na situação de satisfação de que usufruía até então”<sup>28</sup>. Esse novo estado, supõe, levará ao “reinvestimento alucinatório do estado de satisfação perdido”, que fora a “existência tranquila no calor e na placidez do corpo materno”<sup>29</sup>. A tarefa de alucinar o estado anterior de satisfação – de quietude desprovida de desejos – seria capaz de manter a sensação de onipotência após o nascimento, uma vez que o meio cuidador procura agir em consonância com o que o bebê alucina. A criança “é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, [...] é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação”<sup>30</sup>. Abre-se, desse modo, um segundo período, de “onipotência alucinatória mágica”, em que basta a representação para recriar a situação de satisfação. Quando, após a primeira perturbação, a necessidade desaparece devido ao encontro da alucinação com a presteza do meio, o bebê é capaz de dormir.

Para nossos propósitos, não é necessário que acompanhamos os demais estágios discutidos pelo autor<sup>31</sup>. A pulsão de morte, ainda em 1913, surge como um conceito de ligação entre as postulações sobre 1) um estado de quietude pré-natal; 2) uma tendência à regressão, e 3) uma localização temporal para o estado narcísico inaugural; este que o húngaro já tocara, ainda em 1909, ao escrever

“Introjeção e transferência”<sup>32</sup>. Cada um desses elementos coexistirá no pensamento de Ferenczi sempre que o tema da pulsão de morte reaparecer.

Variação intermediária: a destruição e a máquina de calcular o desprazer

Acompanhamos como o autor tratou a pulsão de morte no artigo em homenagem ao septuagésimo aniversário de Freud. Outros textos dos anos 1920 ajudam a compreender como ele avaliou a concepção freudiana da pulsão de morte à luz de suas próprias ideias.

No prefácio que escreveu à edição húngara de *Além do princípio do prazer*, Ferenczi fez questão de destacar que “O apego ao passado, a tendência para reencontrar um estado anterior de equilíbrio, a regressão, manifesta-se com uma constância tão absoluta na vida psíquica que”<sup>33</sup> teria sido necessário a Freud opor uma pulsão de morte às pulsões de conservação e de evolução (de vida). Se o aspecto regressivo, que é “forma exterior da repetição”<sup>34</sup>, destaca-se no prefácio de 1923 ao texto freudiano, outro aspecto da primeira variação de Ferenczi sobre a *Todestrieb* não demora a reaparecer. A suposta e atraente quietude da vida intrauterina é retomada em *Thalassa*<sup>35</sup> e, pouco depois, em um texto importante para a segunda variação ferencziana sobre pulsão de morte, “O problema da afirmação do desprazer”<sup>36</sup>.

Em *Thalassa*, livro cuja gestação começara, como vimos, à época da carta a Jones, o coito, o sono e a morte são descritos enquanto modos de “satisfação da pulsão de retorno ao corpo materno e ao oceano, ancestral de todas as mães”<sup>37</sup>. O movimento regressivo de 1913 ganha extensão, é generalizado a toda a vida orgânica e explicitamente nomeado como “pulsão de retorno”. Mesmo “O desejo edípiano” poderia ser lido, de acordo com Ferenczi, como “a expressão psíquica de uma tendência biológica muito mais geral que impele os seres vivos ao retorno ao estado de repouso que desfrutavam antes do nascimento”<sup>38</sup>. As críticas mais atuais ao livro são variadas: povoado

de “uretralidade”, com trechos que geram certo “constrangimento”<sup>39</sup>, ou ainda, que consiste em “scientific rubbish”, com um argumento que “acentua a perspectiva falocêntrica de Freud”<sup>40</sup>. Parte do problema fora reconhecido pelo próprio Ferenczi, para quem aquelas ideias pareceriam, mais tarde, “produto de pura especulação”<sup>41</sup>. De toda forma, em *Thalassa*, o que encontramos claramente é uma ênfase teórica que segue uma “lógica pós-dualista”<sup>42</sup>: o coito, por exemplo, seria a descarga de uma tensão, mas também a satisfação da pulsão de retorno ao corpo materno, e, também, de retorno ao oceano que ele supõe estar na origem da vida. O que entra em jogo nessa lógica, e que aqui nos interessa, é a manutenção de um campo de equilíbrio entre uma tendência regressiva “de morte” (que remete tanto à filogênese quanto à ontogênese, e cuja forma ontogênica primeira seria o estado de quietude intrauterino) e uma tendência progressiva “de vida”, cuja origem estaria na impossibilidade de total e absoluta inatividade frente a um ambiente que, por revelar-se não continuamente harmonioso com o ente, é estimulante e traumático.

Já em “O problema da afirmação do desprazer”<sup>43</sup>, que podemos identificar como central na segunda variação do autor sobre a pulsão de morte,

»

*o coito, por exemplo,  
seria a descarga de uma tensão,  
mas também a satisfação  
da pulsão de retorno ao corpo  
materno, e, também, de retorno  
ao oceano que ele supõe  
estar na origem da vida.*

encontramos criticamente rerepresentadas algumas de suas concepções anteriores sobre o início da vida psíquica. São dois movimentos que nos interessam. O primeiro é o exercício de retomada daquilo que conhecíamos por meio de seus primeiros artigos, em especial da ideia de um “estágio de onipotência incondicional”, e sua inserção plena no âmbito do narcisismo primário. O segundo é a postulação de uma “máquina de calcular” psíquica.

A ideia envolvida no primeiro movimento parece simples. Tendo em mãos não só as concepções freudianas sobre a pulsão de morte e as pulsões de vida, mas também o desenvolvimento do conceito de narcisismo, Ferenczi atualizou o problema do desenvolvimento do sentido de realidade:

Certos organismos primitivos parecem ter permanecido no estágio narcísico, aguardam passivamente a satisfação de seus desejos e, se esta lhes for constantemente recusada, eles morrem – pura e simplesmente; encontram-se aí tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho a percorrer para a ele retornar e mostra-se, portanto, muito mais eficaz.<sup>44</sup>

O “inorgânico”, freudianamente, é identificado como o ponto inicial de teorização; o “primitivo” é considerado enquanto momento de passividade radical; e o predomínio da “pulsão de destruição” é localizado junto a esses dois aspectos. É o que reencontramos três anos depois, no artigo sobre

28 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

29 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

30 S. Ferenczi, “O desenvolvimento...”, p. 50.

31 Para uma apresentação abrangente dos demais estágios, conferir R. Mezan, “Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi”, in: *Interfaces da psicanálise*.

32 S. Ferenczi, “Introjeção e transferência”.

33 S. Ferenczi, “Prefácio da edição húngara de *Para além do princípio do prazer*”, p. 242.

34 R. Mezan, *Freud: a trama dos conceitos*, p. 260.

35 S. Ferenczi, *Thalassa...*

36 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”, in: *Psicanálise III*.

37 S. Ferenczi, *Thalassa...*, p. 326.

38 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 293.

39 L.C. Figueiredo, *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, p. 203.

40 P.L. Rudnytsky, “Introduction”, in: P.L. Rudnytsky; A. Bókay; P. Giam-pieri-Deutsch (eds.), *Ferenczi’s turn in psychoanalysis*, p. 5.

41 E. Brabant; E. Falzeder (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*, p. 400.

42 L.C. Figueiredo, *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, p. 188.

43 S. Ferenczi, “O problema da afirmação do desprazer”.

44 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 439.



*“se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer.”*

[S. Ferenczi]

“A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”<sup>45</sup>. Embora no começo da vida o desenvolvimento de funções e órgãos seja rápido e abundante, dando a impressão de uma preponderância das pulsões de vida, tal progresso depende de “condições particularmente favoráveis de proteção do embrião e da criança”<sup>46</sup>. Seu argumento merece ser citado:

A criança deve ser levada, por um prodigioso dispêndio de amor, de ternura e de cuidados, a perdoar aos pais por terem-na posto no mundo sem lhe perguntar qual era a sua intenção, pois, caso contrário, as pulsões de destruição logo entram em ação. E, no fundo, não há motivos de espanto, uma vez que o bebê, ao contrário do adulto, ainda se encontra muito mais perto do não ser individual, do qual não foi afastado pela experiência da vida. Deslizar de novo para esse não ser poderia, portanto, nas crianças, acontecer de modo muito mais fácil.<sup>47</sup>

Trata-se de um desdobramento da ideia que já vimos utilizada na carta a Jones, e que ganha mais detalhes: por estar muito próximo de um estado de quietude e repouso, o recém-nascido demanda profundo investimento libidinal dos pais e cuidadores para que as pulsões de vida lhe sejam como que estimuladas e se entrelacem à pulsão de morte que predominaria no início da vida. Mas, ainda em 1926, o húngaro propõe que “a destruição fisiológica provocada” pela fome seria o ponto de origem do “desintrincamento pulsional” na vida psíquica<sup>48</sup> e que sua expressão no bebê seria o

choro e o espremeio. O objeto, em suas faces boa e provedora, por um lado, e má e frustradora, por outro, só poderia ser percebido após o desintrincamento pulsional gerado pela fome e por sua consequência psíquica, a ambivalência. Se para Ferenczi, até então, a ausência de necessidades que ele supunha existir na vida intrauterina era a regra, leia-se: que a harmonia com o ambiente impedia o surgimento da necessidade, o que ocorrerá após o nascimento – mesmo com a adaptação do meio – será o descompasso eventual entre o surgimento da necessidade e sua pacificação. O fim da harmonia torna-se, conseqüentemente, a primeira fome, o primeiro golpe na onipotência, a descoberta do não eu, e a primeira angústia. Descobrir o objeto corresponde a ter de odiá-lo e à necessidade de passar a reconhecê-lo, mesmo que temporariamente, como malicioso, alheio às vontades e ao controle. Isso muda tudo.

O segundo movimento desenvolvido em 1926, a postulação de uma “máquina de calcular” psíquica, implica a introdução de uma ideia que passa a balizar o pensamento do autor sobre a pulsão de morte. Nessa variação encontramos uma mudança terminológica cuja origem está em Sabina Spielrein; a pulsão de morte é tratada enquanto “pulsão de destruição” ou de autodestruição. A postulação procura dar conta de um problema: como e por que o desprazer pode afirmar-se no psiquismo, a despeito do princípio que procura evitá-lo e de uma tendência, nada desimportante, como vimos, de regressão a um estado em que o desprazer não seria sequer conhecido? Lembremos que a constância tensional é, a rigor, a manutenção do nível de excitação, nem seu aumento, nem sua diminuição, e que o meio é um agitador necessário, mas inconveniente.

De acordo com o analista húngaro, “Se o reconhecimento do meio ambiente hostil representa um desprazer, o seu não reconhecimento comporta geralmente ainda mais desprazer; o menos desagradável torna-se, portanto, relativamente agradável e pode ser afirmado como tal”<sup>49</sup>. Nessa linha de raciocínio, encontraremos mais tarde a defesa de uma tendência à tranquilidade, ao equilíbrio, que



é buscada mesmo em situações nas quais o meio é fatalmente ameaçador: “O exemplo do pássaro, fascinado pela visão da serpente ou pelas garras da águia, que, após um curto período de resistência, atira-se para a própria ruína, pode ser citado aqui”<sup>50</sup>. A pulsão de morte terá seu sinal como que invertido, de tendência à regressão, à manutenção do mesmo e do próprio, em tendência de adaptação massiva, ou de submissão eventualmente desmesurada, ao meio agitador, capaz de fazer pressão e oferecer perigo mortal. A dinâmica descrita é adaptativa, de renúncia a partes amadas do Eu em prol da introjeção dos objetos maliciosos: uma parcial destruição do Eu que é tolerada “somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um Eu capaz de resistência ainda maior”<sup>51</sup>. Esse sacrifício parcial do Eu causaria, como defendera Freud em *Além do princípio do prazer*, a mortificação das camadas externas do ser, aquelas que estão em contato com o meio. Mas a autodestruição, que tem por resultado a mortificação adaptativa de partes do Eu, argumenta Ferenczi, traz ainda outra consequência: as pulsões de vida, libertas pelo desintricamento pulsional, passam a ocupar-se não mais do todo, mas somente das partes que foram poupadas. Estas então se desenvolvem continuamente, numa espécie de amadurecimento propiciado pela destruição parcial.

Partindo desse conjunto de hipóteses, a terceira variação, explorada nos últimos textos do autor, em especial no *Diário clínico*, envolve uma revisão crítica que decompõe o campo de aplicação do conceito de pulsão de morte ao ligá-lo predominantemente ao masoquismo e à submissão ao

45 S. Ferenczi, “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, in: *Psicanálise IV*.

46 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 58.

47 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 58.

48 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 435.

49 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 434.

50 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 224-225, do dia 24 ago. 1930, in: M. Balint (ed.), *Final contributions to the problems and methods of Psycho-Analysis*.

51 S. Ferenczi, “O problema...”, p. 441.

52 S. Freud, *Civilization and its discontents*, p. 130.

53 E. Brabant; E. Falzeder (eds.), *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*, p. 388-389.

54 S. Ferenczi, *Diário clínico*.

55 S. Ferenczi, “Notes and fragments”.



o que começamos a ver [na crítica de Ferenczi a Melanie Klein] é uma realocação do conflito que termina por impor questionamentos ao conceito de pulsão de morte.

meio. Parece-nos esclarecedora uma ilustração do que está em jogo nessa passagem entre as variações.

Quando, em 1930, Ferenczi lê sobre a concordância de Freud com Melanie Klein a respeito de como a severidade do Superego que a criança desenvolve não corresponde “à severidade do tratamento que a própria criança recebeu”<sup>52</sup>, ele decide fazer uma sugestão “do ponto de vista traumático”. As seguintes palavras são remetidas a Freud:

Ao invés de aceitar a visão de Melanie Klein [...], não seria mais correto agarrar-se à natureza individualmente adquirida (i.e., traumática), isto é, origem, da consciência e da neurose, e manter que a consciência muito rígida (ou seja, *inclinação para autodestruição*) é o resultado de um tratamento *relativamente muito estrito* – i.e., muito estrito em relação à individualmente variada forte necessidade de amor. Esta última pode, é claro, ser inata.<sup>53</sup>

O que começamos a ver assim é uma realocação do conflito que termina por impor questionamentos ao conceito de pulsão de morte.

### Terceira variação: pulsão ou princípio de conciliação

No *Diário clínico*<sup>54</sup> e nas notas escritas nos anos 1930<sup>55</sup>, encontramos uma série de passagens em que Ferenczi procura fazer avançarem essas ideias, que sofrem considerável elaboração. Seu objetivo



*altruísmo e egoísmo  
obedeceriam e comporiam,  
nesses momentos, um princípio  
mais geral, que o autor chama  
de “tranquilidade” e que consiste,  
economicamente, na busca  
da constância tensional.*

passa pela melodia com a qual já nos familiarizamos, a saber: a concepção de uma tendência regressiva que procura retomar um estado de quietude e paz, de passividade quanto à satisfação<sup>56</sup>, e a ideia de uma profunda adaptação à influência de pressões externas, do meio, que agem de modo perturbador, traumático<sup>57</sup>. Nessa terceira variação, todavia, vemos acordes consonantes e dissonantes. As hipóteses ora recolocam a dualidade pulsional em termos de atividade/sadismo, passividade/masochismo, e egoísmo/altruísmo, ora rechaçam a ideia de uma “pulsão de morte”.

Quando a direção de seu pensamento trabalha a dualidade, ele nomeia os polos de pulsão ou princípio de autoasserção e pulsão ou princípio de conciliação, e os relaciona ao masculino e ao feminino. Nesses momentos, suas hipóteses enfatizam tanto o conflito primário entre indivíduo-meio (que a questão do trauma trouxera para o centro de suas atenções), quanto o conflito intrapsíquico secundário, que resulta do anterior, entre um movimento de diferenciação e outro que busca restaurar a “mútua identificação”<sup>58</sup> entre o indivíduo e o meio. Voltaremos a esse ponto em breve.

De modo paralelo, a outra direção de pensamento que encontramos no autor é de crítica à noção de pulsão de morte, e pode ser encontrada repetidamente em suas anotações. É o caso, por exemplo, de uma nota de agosto de 1932, garimpada por Judith Dupont (e citada por Avello), em que lemos: “Nada além de pulsão de vida/ pulsão de

morte, um erro/ (pessimista)”<sup>59</sup>. A mesma direção crítica revela-se quando, na nota de 1930 sobre o pássaro que se atira nas garras da águia, Ferenczi busca um terceiro princípio ou pulsão capaz de condensar os termos da nova oposição que propõe: “No momento em que se deve deixar de usar o ambiente como material para a própria segurança e bem-estar [...], aceita-se o papel sacrificial, digamos assim, com prazer, i.e. o papel de material para outras forças maiores, mais autoassertivas, mais egoístas”<sup>60</sup>. Altruísmo e egoísmo obedeceriam e comporiam, nesses momentos, um princípio mais geral, que o autor chama de “tranquilidade” e que consiste, economicamente, na busca da constância tensional. A questão torna a passar pelo problema da afirmação do desprazer.

Concordamos com Gondar<sup>61</sup> quando ela afirma que o húngaro tem uma compreensão monista (i.e., materialista) da relação mente-corpo e que vê as pulsões de vida e de morte como variações de ritmo em um movimento pulsional mais longo. E também estamos de acordo com Avello<sup>62</sup> sobre a direção de fundo do pensamento de Ferenczi ser um destronamento do conceito (ou de alguns elementos do conceito) de pulsão de morte como montado por Freud; por exemplo, de seu caráter originário. Mas a noção de um dualismo de princípios e de pulsões não é abandonada completamente. Não “é inteiramente absurdo manter uma posição dualista:”, lemos em seu *Diário*, no dia 23 de fevereiro de 1932:

os incontáveis exemplos de bipolaridade, ambivalência, ambitendência em todo lugar parecem justificar olhar para o todo da natureza, de uma vez, não somente do ponto de vista dos princípios de egoísmo mas também a partir da direção oposta das pulsões: aquela do altruísmo (ou abnegação) [selflessness].

*Tudo isso representa apenas uma pequena modificação da suposição de Freud sobre instintos de vida e de morte. Daria nomes diferentes às mesmas coisas.*<sup>63</sup>

Ele vai além e diz que o “Egoísmo é o impulso de livrar-se a todo custo de uma quantidade de tensão produtora de desprazer”. Para que o egoísmo

(leia-se, a inabilidade para sofrer) tome forma, “pulsões e impulsos conciliatórios são mobilizados de todos os lados e juntados como que por mágica”<sup>64</sup> e unidos a ele.

Se aceitamos a existência de uma natureza impulsiva nesse “desejo de conciliar”, chegamos à ideia de que, “para a substância ou ser no qual essa pulsão é ou torna-se forte ou exclusivamente dominante, o sofrimento não é algo meramente que pode ser suportado, mas algo desejável ou uma fonte de satisfação”<sup>65</sup>. O sadismo seria a manifestação desse princípio egoísta, e o masoquismo a manifestação aguda do princípio de conciliação, que se torna um “querer sofrer”. O sofrimento traumático, ele argumenta na mesma passagem, esgota o princípio de autoasserção, permitindo a invasão de aspectos do agressor no Eu. Ao final da entrada do dia 23 de fevereiro de 1932, lemos: “A pulsão de autoasserção pode ser vista como a base para o princípio do prazer de Freud, o princípio para a conciliação como a base para seu princípio de realidade”<sup>66</sup>.

Se aqui a autoasserção é ligada ao princípio do prazer, e a conciliação ao princípio de realidade, pouco mais de dois meses depois, no dia 26 de abril, o autor ataca o mesmo problema na forma de uma pergunta que realoca as ligações e mostra que ele ainda desenvolvia os termos de sua

»

*o sadismo seria  
a manifestação desse princípio  
egoísta, e o masoquismo  
a manifestação aguda do princípio  
de conciliação, que se torna  
um “querer sofrer”.*

hipótese: “deve o instinto de morte ser postulado como um instinto de bondade e autossacrifício, algo materno-feminino em oposição ao masculino?”<sup>67</sup>. Em três de junho, a variação sobre o tema da pulsão de morte rende outra pergunta: “Não é a ansiedade, portanto, em última análise, *um sentimento do poder da pulsão de morte*, um começo da morte (inanição)?”<sup>68</sup>.

O questionamento desdobra-se, conforme Ferenczi tenta entender as diferenças entre o psiquismo da criança e do adulto no *Diário clínico*. Em 30 de junho do mesmo ano, ele argumenta que a “individualidade” não estaria desde cedo plenamente desenvolvida, como já ouvíamos em “A criança mal acolhida...”, e acrescenta:

a tendência a apagar-se (adoecer e morrer em crianças muito pequenas) e a predominância nelas do instinto de morte: sua extrema impressionabilidade (mimetismo) também pode ser somente um sinal dos bem fracos instintos de vida e de autoassertividade; de fato talvez já seja uma incipiente, mas de algum modo postergada, morte.<sup>69</sup>

O autor insere aqui um estágio no desenvolvimento do sentido de realidade anterior ao alucinatório, a que chama de período mimético. Este se caracteriza por um “estar sujeito a impressões sem nenhuma proteção, é a forma original da vida”, e nele “o desprazer também chega enfim a termo, embora não pela mudança do mundo externo, mas pela complacência da substância

56 E. Dal Molin; N. Coelho Jr.; R. Cromberg, “A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica”, *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2.

57 Conferir também a esse respeito R. Herzog e F. Pacheco-Ferreira, “Trauma e pulsão de morte em Ferenczi”, *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 18, n. 2.

58 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 252, 14 set. 1932.

59 J.J. Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*, p. 272.

60 S. Ferenczi, “Notes and fragments”, p. 225.

61 J. Gondar, “A vontade de (se) destruir: Ferenczi com Nietzsche”, in: E.S. Reis; J. Gondar, *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*.

62 O livro de Avello, *La isla de sueños de Sándor Ferenczi*, no qual baseamos parte de nossa leitura, é uma preciosidade para pesquisadores interessados no tema.

63 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, p. 41.

64 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

65 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

66 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 42.

67 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 91, grifos nossos.

68 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 115.

69 S. Ferenczi, *op. cit.*, p.147.



*o trabalho analítico  
pode demandar uma regressão  
que permita a experiência de ser  
em um ambiente não intrusivo  
e maleável às manifestações  
singulares de egoísmo  
e autoasserção.*

viva, isto é, uma parcial renúncia do fraco impulso autoassertivo que acabou de ser tentado, uma imediata resignação e adaptação do self ao ambiente”<sup>70</sup>.

No mesmo ano, em “Confusão de línguas”, Ferenczi escreveu sobre como, durante uma experiência traumática, alguém pode, ao enfrentar um ambiente destrutivo ou intrusivo, sentir-se abandonada ao ponto em que “a personalidade ainda fracamente desenvolvida reage ao brusco desprazer não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça e agride”<sup>71</sup> – uma estratégia defensiva que envolve a cisão e pode levar, se repetida, à fragmentação e mesmo à “atomização”<sup>72</sup>. A ênfase no aspecto potencialmente traumático da interação com o meio, nos efeitos mortíferos que podem então ser gerados (autotomia, morte psíquica, introjeção do agressor), justificam a localização, feita por Figueiredo e Coelho Junior<sup>73</sup>, de uma paradoxal defesa passiva descrita pelo húngaro em seu *Diário clínico* (entradas de 21 de fevereiro e de 2 de outubro de 1932). Isso inauguraria uma matriz de adoecimento psíquico por passivação a que nomeiam “ferencziana”, de modo a distingui-la da matriz de adoecimento psíquico por ativação, característica, argumentam, do pensamento de Freud e Klein.

Se voltarmos ao *Diário*, no dia 24 de agosto, Ferenczi escreve que

A personalidade infantil, ainda pouco constituída, não tem a capacidade de existir, digamos assim, sem ser suportada por todos os lados pelo ambiente. Sem esse suporte os mecanismos psíquicos e orgânicos divergem, explodem, por assim dizer; ainda não há um centro do eu forte o suficiente para merecer a menção, que poderia manter o todo junto, também por si próprio. [...] A análise deveria ser capaz de fornecer ao paciente o meio favorável que faltou previamente para a construção do eu, e então dar um fim ao estado de mimetismo, que como um reflexo condicionado só conduz a pessoa à repetição. Uma nova *couvade* [incubação], por assim dizer, e uma nova fuga {taking flight}.<sup>74</sup>

No trecho acima, além da exposição de uma ideia que já está a oito nove avos do conceito de *holding* winnicottiano, vemos como, para o autor húngaro, o trabalho analítico pode demandar uma regressão que permita a experiência de ser em um ambiente não intrusivo e maleável às manifestações singulares de egoísmo e autoasserção. É em tal contexto que finalmente, em 13 de agosto de 1932, a crítica que decorre do desenvolvimento dessas ideias ganha a seguinte forma: “A ideia do instinto de morte vai muito longe, já está tingida de sadismo; *pulsão de repousar* [*Ruhetreib*] e *comunicar* (comunicação [*Mit-teilung*], *sharing*) acumulações ‘excessivas’ de prazer e desprazer é a realidade, ou o é quando não artificialmente – traumáticamente – perturbada”<sup>75</sup>. Junto à *pulsão de repousar*, que já ganhara forma coloquial na carta para Jones em 1913, Ferenczi localiza um impulso para comunicar, para compartilhar com o outro, para ligar com a ajuda dos objetos que compõem o ambiente. Para ele, nessa última variação, o ambiente consistiria, ao mesmo tempo, num potencial receptor dessas comunicações de excessos tensionais e num potencial perturbador das tentativas de manutenção da quietude, quando ele mesmo (ambiente) é responsável por tais excessos. Quando visto nesses termos, tal esforço de manutenção da constância tensional, que mobilizaria o ser no sentido do repouso, torna-se tributário de uma dinâmica que não poderia, de início, limitar-se ao campo



intrapésíquico – o conflito primário arma-se entre um ainda “pouco constituído” próprio e tudo que não lhe é plenamente consonante ou não lhe serve como paraexcitação. Na melhor expressão encontrada por Ferenczi para esse problema, em “O princípio de relaxamento e neocatarse”, lemos que “as forças intrapésíquicas apenas representam o conflito que se desenrolou na origem entre o indivíduo e o mundo externo”<sup>76</sup>.

Quem compôs uma bela melodia pode terminar perseguido por ela, percebendo-se dominado e ainda elaborando a sequência das notas mesmo depois de tê-la colocado na partitura. Parece-nos que a última variação de Ferenczi sobre a *Todestrieb* ainda não chegara a seu formato final quando o húngaro morreu, em 1933. Como no caso das experiências com a técnica, mais tempo talvez significasse mais mudanças. Mesmo que

»»

“as forças intrapésíquicas apenas representam o conflito que se desenrolou na origem entre o indivíduo e o mundo externo.”

[S. Ferenczi]

não seja no encaixe de formatos definitivos que nos colocamos, resta a impressão de que a música só se torna realmente boa quando é capaz expressar – diríamos, agitar – algo em quem a escuta.

#### Referências bibliográficas

- Adler A. (1908). Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose. *Fortschritte der Medizin*, n. 26, p. 577-584.
- Avello J.J. (2006). *La isla de sueños de Sándor Ferenczi. Nada más que pulsión de vida*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Brabant E.; Falzeder E.; Giampieri-Deutsch P. (eds.) (1993). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume I, 1908-1914*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Brabant E. Falzeder E. (eds.) (2000). *The correspondence of Sigmund Freud and Sándor Ferenczi: Volume III, 1920-1933*. Cambridge/London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Bos J. (1996). Rereading the minutes. *Annual of Psychoanalysis*, v. 24, p. 229-255.
- Bos J.; Groenendijk L. (2007). *The self-marginalization of Wilhelm Stekel: Freudian circles inside and out*. New York: Springer Books.
- Clark-Lowes F. (2010). *Freud's Apostle: Wilhelm Stekel and the early history of Psychoanalysis*. Authors OnLine: Gamlingay.
- 70 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 147-148.
- 71 S. Ferenczi, “Confusão de línguas entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão”, p. 118.
- 72 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 120.
- 73 L.C. Figueiredo; N.E. Coelho Jr, *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em Psicanálise*.
- 74 S. Ferenczi, *The clinical diary of Sándor Ferenczi*, p. 210-211.
- 75 S. Ferenczi, *op. cit.*, p. 200.
- 76 S. Ferenczi, “O princípio de relaxamento e neocatarse”, in: *Psicanálise IV*, p. 77.
- Cromberg R.U. (org.). (2014). *Sabina Spielrein: Uma pioneira da psicanálise*, vol. 1. Trad. R.D. Mundt. São Paulo: Matrix.
- Dal Molin E.C.; Coelho Jr. N.; Cromberg R.U. (2019). A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. *Estilos da Clínica*, v. 24, n. 2, p. 231-245. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p231-245>>.
- \_\_\_\_ (2023). Ferenczi's variations on the death drive. *The American Journal of Psychoanalysis*, v. 83, p. 231-249. Disponível em: <<https://doi.org/10.1057/s11231-023-09407-9>>.
- Eros F.; Szekacs-Weisz J.; Robinson K. (eds.) (2013). *Sándor Ferenczi – Ernest Jones. Letters 1911-1933*. London: Karnac.
- Ferenczi S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Psicanálise II*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 45-61. (Trabalho original publicado em 1913).
- \_\_\_\_ (1924). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 277-357. (Trabalho original publicado em 1924).
- \_\_\_\_ (1923). Prefácio da edição húngara de *Para além do princípio do prazer*. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 241-242. (Trabalho original publicado em 1923).
- \_\_\_\_ (1926). Para o 70º aniversário de Freud. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 421-430. (Trabalho original publicado em 1926).
- \_\_\_\_ (1926). O problema da afirmação do desprazer. In *Psicanálise III*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 431-444. (Trabalho original publicado em 1926).
- \_\_\_\_ (1928). A adaptação da família à criança. In *Psicanálise IV*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 1-16. (Trabalho original publicado em 1928).

- \_\_\_\_\_. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Psicanálise 1v*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 55-60. (Trabalho original publicado em 1929).
- \_\_\_\_\_. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Psicanálise 1v*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 61-78. (Trabalho original publicado em 1930).
- \_\_\_\_\_. (1930-1932). Notes and fragments. In *Final contributions to the problems and methods of Psycho-Analysis*. (M. Balint, ed.). London: Karnac, p. 216-279.
- \_\_\_\_\_. (1933). Confusão de línguas entre os adultos e a criança – a linguagem da ternura e da paixão. In *Psicanálise 1v*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Martins Fontes, p. 111-121. (Trabalho original publicado em 1933).
- \_\_\_\_\_. (1932/1988). *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (J. Dupont, ed.; M. Balint; N.Z. Jackson, trans.). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Figueiredo L.C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo L.C.; Coelho Junior, N.E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura. Matrizes e modelos em Psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Fortune C. (ed.) (2002). *The Sándor Ferenczi – Georg Groddeck Correspondence, 1921-1933*. London: Open Gate Press.
- Freud S. (1909/2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos: O pequeno Hans. In *Obras completas*, vol. 8. São Paulo: Companhia das Letras, p. 123-284. (Trabalho original publicado em 1909).
- \_\_\_\_\_. (1911/2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras completas*, vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, p. 108-121. (Trabalho original publicado em 1911).
- \_\_\_\_\_. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In *Obras completas*, vol. 14. São Paulo: Companhia das Letras, p. 161-239. (Trabalho original publicado em 1920).
- \_\_\_\_\_. (1930). *Civilization and Its discontents*. Standard Edition, vol. 21, p. 64-145.
- Gondar J. (2017). A vontade de (se) destruir: Ferenczi com Nietzsche. In Reis E.S.; Gondar J., *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 65-77.
- Herzog R.; Pacheco-Ferreira F. (2015). Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 18, n. 2, p. 181-194. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>>.
- Houaiss A.; Villar M.S. (2009). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa: com a nova ortografia da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mezan R. (2002). Do autoerotismo ao objeto: a simbolização segundo Ferenczi. In *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 151-173.
- Mezan R. (2013). *Freud: a trama dos conceitos*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Nunberg H.; Federn E. (eds.). (1976). *Les premiers psychanalystes : Minutes de la Société Psychanalytique de Vienne*, v. 1. Trad. N. Schwab-Bakman. Paris: Gallimard.
- Stekel W. (1911). *Die Sprache des Traumes*. Wiesbaden: Bergmann.
- Stekel W. (1912). Der Zweifel. *Zeitschrift für Psychotherapie*, v. 4, n. 6, p. 332-355.

## Ferenczi's variations on the death instinct

**Abstract** This theoretical paper discusses three variations on the death drive, developed by Sándor Ferenczi. We present a brief history of the use of the term death drive among the first psychoanalysts and argue that, as early as 1913, the notion is used by Ferenczi and serves as a conceptual background for his thinking. During the 1920s, Ferenczi revisits part of this concept, focusing on what he identifies as a primacy of self-destruction. The destructive drive gains an adaptive character responsible for the mortification of parts of the individual, in exchange for the survival of the whole. In this variation, the tendency to regress also arises as the self-destruction drive and the acceptance of unpleasure involves a psychic "reckoning-machine." In the final variation, left unfinished, the death drive at times receives new names, like drive for "conciliation," and at others, the very idea of the death drive is criticized.

**Keywords** Sándor Ferenczi; death drive; destruction; metapsychology; history of psychoanalysis.

**Texto recebido:** 10/2023

**Aprovado:** 11/2023